



## ARQUIVO

*Panfleto distribuído no Experiências 68, Instituto Di Tella, Buenos Aires, 1968*

### Mensagem no Di Tella

*Roberto Jacoby*

Esta mensagem é dirigida ao reduzido grupo de criadores, simuladores, críticos e promotores, ou seja, aos que estão comprometidos pelo seu talento, sua inteligência, seu interesse econômico ou de prestígio, ou sua estupidez, no que se chama arte de vanguarda.

Aos que metodicamente procuram dar no Di Tella “o banho de cultura”, ao público em geral.

Vanguarda é o movimento de pensamento que nega permanentemente a arte e afirma permanentemente a história. Nesse percurso de afirmação e negação simultânea, a arte e a vida social se confundiram até tornarem-se inseparáveis.

Todos os fenômenos da vida social se converteram em matéria estética: a moda, a indústria e a tecnologia, os meios de comunicação de massas, etc.

“Acabou a contemplação estética porque a estética se dissolve na vida social”.

Acabou também a obra de arte porque a vida e o planeta mesmo começaram a sê-la.

Por isso se espalha por toda parte uma luta necessária, sangrenta e bonita pela criação de um mundo novo. E a vanguarda não pode deixar de afirmar a história, de afirmar a justa, heróica violência dessa luta.

O futuro da arte se liga não a criação de obras, mas sim a definição de novos conceitos de vida; e o artista se converte no propagandista desses conceitos. A “arte” não tem nenhuma importância: é a vida que conta. É a história desses anos que vêm. É a criação da obra coletiva mais gigantesca da história: a conquista da terra, da liberdade pelo homem.

*Tradução de Flávia Cera*

## UM RÉQUIEM PARA A ESCRITA?

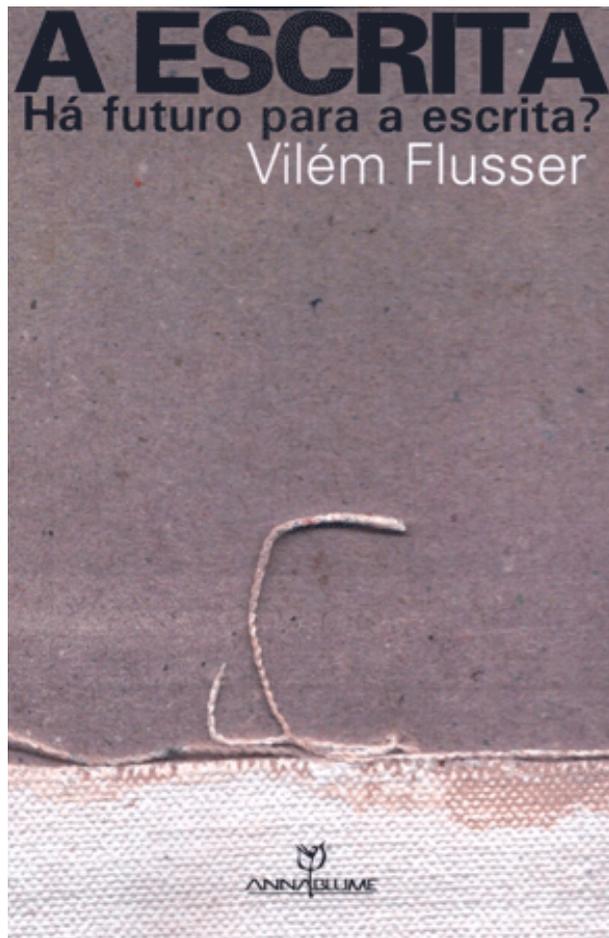
Alexandre Nodari

*“Um texto é uma expressão, cujo objetivo consciente ou inconsciente é causar impressão” (p. 54)*

Publicado originalmente em 1987, quatro anos antes da morte de seu autor, Vilém Flusser, *A escrita* acaba de ganhar uma tradução brasileira, feita por Murilo Jardelino da Costa. Nele, o filósofo “tcheco-brasileiro”, como o caracteriza a orelha do livro publicado pela editora Annablume, busca responder à pergunta enunciada no subtítulo, *Há futuro para a escrita?*, optando pela negativa: não há. O código “alfanumérico” está em vias de desaparecimento – e mais cedo, ou mais tarde, será substituído pelo código digital, binário, não-linear trazido pela informatização global. E mais: o desaparecimento da escrita é também o desaparecimento da história: não só não haveria um futuro para a escrita, como também a própria idéia de futuro estaria em vias de ser abolida. Isso porque, para Flusser, a escrita é inseparável da “consciência histórica”, o que seria perceptível já desde a sua forma, alinhada e contínua, ou seja, vindo de um passado e apontando para um futuro, e quebrando, assim, a visão cíclica do tempo. Desse modo, o ocaso da escrita, a “pós-história”, significaria um retorno à fase “pré-histórica” do domínio das imagens, na medida em que “A inscrição (o escrever em geral) é iconoclástico” (p. 28), hipótese discutível (tanto em relação ao ponto de partida quanto ao de chegada). Todavia, talvez o mais interessante do livro não esteja nos prognósticos provocativos – às vezes apressados (ainda que dificilmente um texto escrito nos primórdios da massificação dos computadores individuais, ou seja, corajosamente no “calor da hora”, pudesse escapar destes deslizes), como na idéia de que o jornal “desaparecerá assim que fitas de áudio e vídeo dos emissores eletromagnéticos cheguem às casas em grande quantidade e com baixo custo (talvez ‘grátis’), para

ali serem armazenadas em áudio e videotecas” (p. 128) –, mas nas análises, rápidas, porém certas e profundas, que faz de figuras e motivos relacionados à escrita, desde as letras e os numerais até as escrivatinhas (as quais, nas mãos de Flusser, se convertem em diagramas do poder).

Tomemos o próprio exemplo do jornal. Sabemos que no século XIX se debateu a possibilidade do jornal substituir o livro – foi no contexto deste debate que Machado de Assis escreveu seu famosíssimo texto “O jornal e o livro”, um verdadeiro libelo em favor do primeiro, na medida em que possibilitaria a democratização da escrita, e uma reciprocidade entre escritura e leitura. Não só o livro não desapareceu, mas hoje é o próprio jornal que aparece ameaçado de extinção – e não por acaso, os mesmos argumentos de Machado reaparecem hoje em defesa da internet, em especial da blogosfera, como instrumento mais democrático e transformador se



**A escrita**  
Há futuro para a escrita?

de Vilém Flusser

Tradução de Murilo Jardelino da Costa

São Paulo: Annablume  
(Coleção Comunicações), 2010

comparado aos jornais. O que Flusser argumenta, de modo brilhante, é que desde o aparecimento do rádio e da televisão, o jornal deixou de ser “diário” (*Zeitung*) para ser “durário” (*Dauerung*): os jornais perderam o seu papel de emissores de mensagens rápidas e efêmeras (e daí a predominância dos colunistas – ou da “opinião” e da “análise”, como se diz no jargão – nos jornais contemporâneos). O ocaso da forma “jornal”, que tende cada vez mais para a biblioteca, para o livro, revelaria o quão há de “anacronismo referir-se aos jornais e à imprensa como sendo aquele tão falado ‘quarto poder’”. Mesmo assim, Flusser argumenta que, “Do ponto de vista do futuro”, a imprensa é o “primeiro” poder: “nela pela primeira vez se mostra que o poder está onde se produzem e se divulgam informações. (...) A imprensa não é nada além de um precursor dos atuais centros de decisão” (p. 127). Os antigos “poderes” “não tem mais nada a dizer”: “Programas políticos na televisão comprovam isso. Ali, as articulações políti-

cas são sorvidas por um novo modo de consciência informativo: a política é uma questão de ‘imagem’, é o que se diz de maneira imprecisa; e um ‘video casting’ decide os candidatos à presidência” (p. 128).

Outro exemplo da acuidade das análises presentes no livro pode ser encontrado quando da o autor trata da tipografia. Superando – no sentido hegeliano – a abordagem de McLuhan, Flusser amplifica – em um gesto que é também uma modificação – a idéia de que o “meio é a mensagem”, ao argumentar que os meios técnicos para a invenção da imprensa já existiam desde muito antes de Gutenberg – o que faltava era o “pensamento ‘tipificante’”, que veio a substituir o dos caracteres: “Tipografa-se desde que a escrita (principalmente a alfanumérica) foi inventada. Gutenberg, na verdade, não inventou nada: já em meados do segundo milênio a.C. podia-se, nesse sentido, tipografar. Os pré-requisitos técnicos já existiam antigamente (prensas, tintas, folhas, e também a arte de moldagem por fundição de metais). Ainda não se imprimia, porque não se estava ciente de que se manejavam tipos quando se desenhavam sinais gráficos. Consideravam-se os sinais gráficos caracteres. O pensamento ‘tipificante’ não se impôs à consciência naquela época. O grande feito de Gutenberg foi a descoberta dos caracteres tipográficos criados com a escrita alfanumérica” (p. 62). Nesse sentido, a “tipografia” representaria a vitória dos realistas sobre os nominalistas na querela medieval a respeito do estatuto dos universais, que seriam, de fato, “reais”, mas mais “reais” do que os realistas imaginavam: “a crença platônica na realidade das idéias” se deslocaria do “nível especulativo ao prático” (p. 64). O tipo – do grego *typos*, vestígio, figura –, é um universal real que pode ser impresso no mundo: daí que o livro impresso não é um objeto singular, mas um “exemplar” (de um tipo). É por isso que a tipografia também “pode ser

compreendida como o modelo e o embrião da revolução industrial: informações não devem ser impressas apenas em livros, mas também em têxteis, metais e plásticos” (p. 66).

Portanto, o ocaso da escrita seria, como já adiantamos, o sintoma de um ocaso maior, a decadência de todo um modo de pensar e agir, a decadência da “história” e mesmo da “política”. Pois se, para Flusser, a escrita seria política porque se dirige ao outro, precisa do outro (não só o leitor, como também o editor), o código digital, por sua vez, seria despoliticado porque se dirige à máquina, utilizando a forma da “prescrição” (a forma do “se... então”, comum às leis e resoluções), mas destituído de valores – totalmente funcional (uma norma que se limita a programar uma máquina a fazer algo). De certa forma, esta visão da escrita como endereçamento ao outro e ao futuro parece encontrar paralelos na visão derridiana de escritura, visão que foi, de certa forma, ironizada por Sloterdijk ao se referir à filosofia como uma longa, ininterrupta e elitista troca de cartas entre amigos. Por outro lado, Flusser está ciente de toda a carga negativa que acompanha a escrita – daquela “Lição de escrita” que Lévi-Strauss relata em seus *Tristes Trópicos* –, pois “esse progresso – da ciência, da técnica, da economia e da política – das coisas concretas para os tipos abstratos legitima-se lentamente, mas com certeza, como insanidade perniciosa: por exemplo, em Auschwitz, nos armamentos nucleares, na destruição do meio-ambiente, em suma, em todos os aparelhos universalizantes e tipificantes. Nós começamos a perder a crença na realidade dos universais e o sentimento nominalista do vale de lágrimas começa, desde no mínimo Kafka, a se condensar em nós e ao nosso redor. O pensamento tipográfico, nesse caso, pode ser superado” (p. 67). De fato, os tipos, compreendidos nesse sentido, já estão extintos, o que pode ser comprovado não só pela progressiva erosão dos conceitos típicos que organizaram a política moderna – esquerda e direita, público e privado, etc. –, mas também pela substituição da idéia de “categoria” ou “assunto” pela de “tag”, etiqueta, e ainda pela simples existência de “(pós-)tipos” como o punk-skinhead – neste sentido, é um pensamento e uma linguagem pós-tipificante, mas ainda não digital, que encontramos nos romances de escritores como André Sant’Anna. Se a escrita, a história e a política tem futuro é uma questão ainda em aberto – mas o que é certo é que se não soubermos reinventá-las, se não soubermos lidar com este novo nominalismo produzido pela própria escrita, isto é, por aquilo que Fábio Durão chama de “superprodução semiótica”, em suma, se não soubermos *o que (e como) fazer* com uma linguagem totalmente esvaziada, de significantes vazios, uma linguagem que se tornou pura aparição, então o prognóstico de Flusser, para o bem ou para o mal, se confirmará.



CULTURA E BARBÁRIE

[WWW.CULTURAEBARBARIE.ORG](http://WWW.CULTURAEBARBARIE.ORG)